



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CITÂNIA. EXPLICAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS.

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1990 | Número: 100

Como citar este documento:

SARMENTO, Francisco Martins, Citânia. Explicação das Fotografias. *Revista de Guimarães*, 100 Jan.-Dez. 1990, p. 171-189

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Citânia. Explicação das fotografias

Francisco Martins Sarmiento

Revista de Guimarães, n.º 100, 1990, pp. 171-189

O monte de S. Romão, onde ficam as ruínas da Citânia, liga-se, do lado do norte, por uma estreita garganta, com o sistema orográfico da Falperra. Pelo nascente, sul e poente, alarga-se consideravelmente, e em partes desce quase abruptamente para a planície.

Se o acesso por estes três lados é difícil, e às vezes aspérrimo, do lado do norte, como facilmente se imagina, já não sucede o mesmo. Por aí a Citânia podia chamar-se uma povoação aberta. Não há grande diferença de nível entre o planalto, em que vemos as ruínas e o assento das freguesias de Sobreposta e Pedralva, por onde hoje ainda –não será ocioso dizê-lo– se encontram vestígios de construções semelhantes às da Citânia.

É de ver que deste lado se acautelou mais a defesa.

Fortificações. Muralhas.

Uma muralha direita, ao través da garganta do monte, isolava a povoação, e cortava-lhe as comunicações com o norte. Se o agressor vencesse este obstáculo, encontrava 100 metros adiante um fosso profundo, paralelo à muralha, começando na raiz da vertente oriental e acabando na ocidental. Pela pedra que se vê ainda acumulada à

beira do fosso, do lado da povoação, é provável que ele tivesse um parapeito.

Outra muralha, perpendicular a este fosso e correndo pela linha mediana do planalto, separava em duas partes o terreno compreendido entre o fosso e a primeira muralha de circunvalação. Assim o assaltante que só vingasse transpor o fosso a um dos lados da muralha perpendicular a este, e atacasse a primeira muralha, ficava exposto aos tiros de flanco que lhe jogasse o sitiado, ainda de posse da parte não tomada. Se as tomasse ambas, o assalto estava ainda em princípio.

Escalada a primeira muralha de circunvalação, reforçada por um fosso a direito, encontrava logo a 32 metros uma segunda com respectivo fosso também a direito, e, ganha esta, faltava ainda tomar a terceira e última, esta sem fosso, e distante da segunda 42 metros.

O diâmetro do recinto que esta terceira muralha abrangia, e onde ficava propriamente a povoação, era de 327 metros. A segunda conservava quase em toda a volta a distância já indicada de 42 metros. A primeira não era concêntrica com as outras. Se do norte distava 32 metros da segunda, por todos os outros lados ia-se afastando enormemente, descendo para a meia costa, e tendo um diâmetro mais de duplo da terceira.

Fora do recinto da terceira muralha são raros os vestígios de construções, excepto numa zona da vertente do sudeste, por onde a povoação se estendeu, como se já não coubesse em terreno tão acanhado.

Aparelho das muralhas

O aparelho das muralhas vê-se na fotografia II. Do traço negro para baixo a construção é a primitiva. Daí para cima foi restaurada com toda a pedra, compreendia entre duas secções, e que se entendeu lhe pertencia.

A sua largura é de 2 metros, a altura aproximadamente de 4.

Na fotografia I vê-se à esquerda este mesmo lanço de muralha reconstruída, ligando com um cordão de pedra –muralha demolida– e por baixo do qual existe ainda intacta a mesma porção de muro, que na fotografia II se marcou até ao traço preto. Vê-se também parte da segunda muralha também demolida. A terceira não se distingue.

A quase simetria da demolição parece demonstrar que foi a mão do homem, e não a natureza, quem fez aquelas ruínas.

O aparelho das muralhas não é sempre igual. Em algumas partes chega a ser ciclópico; mas estas mesmas construções, que o próprio peso devia eternizar, estão arruinadas, como as outras.

Portas das Muralhas

Existem apenas restos duma porta da segunda muralha (fotografia III), para o lado do poente.

A ombreira direita desta porta (direita para quem sai) é mais saliente que a esquerda, de modo que toda a portada ficava um pouco oblíqua - particularidade, que, se a memória nos não engana, se encontra noutras fortalezas antigas. Esta obliquidade, talvez estratégica, concorda com a obliquidade da calçada, para a qual a porta dá saída.

A sua largura é de 2,20m.

Calçadas

As calçadas, algumas em partes destruídas, noutras as soterradas, mas visíveis muitas delas, e com alguns lanços excelentemente conservados, atravessavam as três muralhas, mas ao sair da última bifurcavam-se em diferentes direcções, desciam até à raiz do monte, continuando pela planície, como se vê de duas delas que a cultura não aniquilou.

Para o norte, que, como fica dito, era a parte montanhosa, as comunicações não eram menos seguidas, e uma das calçadas corre ainda numa extensão considerável.

Estas calçadas eram de pedras desiguais, e onde havia lage mais ou menos plana aproveitava-se.

A sua largura varia entre 2 e 4 metros.

Assento da povoação

Brevitatis causa temos escrito que a Citânia ficava num planalto. A expressão não é exacta. O recinto da terceira muralha abrange dois morros, um a norte, outro a sul. Nestes dois morros, com um esplêndido horizonte de nordeste a sudeste, olhando o magnífico vale do Ave, e os montes que cercam esta vasta ribeira –montes, no alto de muitos dos quais não poucas ruínas, contemporâneas da Citânia, esperam um explorador– nestes dois morros, dizemos, é que as edificações começaram. Só no morro do sul é que se encontra uma área mais plana, que ainda assim não tem mais de 70 metros por lado. Daqui se infere que as construções eram dispostas em tabuleiros, sendo o tabuleiro superior separado, ou, melhor, amparado do inferior por um muro de suporte.

A fotografia IV mostra a parte do morro do sul, voltada para norte. A rua que esta fotografia indica, na direcção de norte a sul, prolongava-se para o morro do norte e era cortada em cruz por outra que seguia pela quebrada dos dois morros e formava a principal linha de comunicações. Ambas estas ruas cruzadas eram as principais.

A sua largura máxima é de dois metros e meio, em partes nem chega a dois. As ruas secundárias são muito mais estreitas.

Na vertente do sudeste, por onde, como dissemos, a povoação se estendeu, a ligação das ruas é extremamente confusa e só poderá ser bem determinada, depois da completa exploração das ruínas.

Casas

A maior parte das casas são quadrilongas, muitas circulares, poucas oblongas, semicircular uma.

A porção que delas resta está soterrada coisa de um metro, excepto na vertente do monte, e próximo ao muro de suporte do tabuleiro superior. Este muro, do qual as traseiras da casa distam pouco mais de um palmo, resguardou-as mais da destruição. Às vezes encontram-se ainda em pé dois metros de parede, infelizmente porém só na parte posterior. A anterior, que não tinha a mesma protecção, está destruída até abaixo da linha, onde poderiam ficar as janelas, de sorte que ainda não foi possível averiguar se as casas da Citânia as tinham, ou não.

No entanto, vide infra.

A identidade dos objectos, encontrados em todas as casas, não permite inferir que a sua forma diversa implicasse um destino diferente. Fragmentos de *imbrices* e de *tegulæ* (fotografia XVIII, n.º 1) encontram-se em casas quadradas e circulares, e nada autoriza a crer que a abóbada fosse empregada na Citânia, ou que as casas circulares tivessem o feito das *bee-hive* de Irlanda.

Casas circulares

O diâmetro destas casas é quase hierático, 4,77m. Quando estão em linha com as casas quadradas, a planta delas figuraria um círculo inscrito num quadrado, com um dos lados aberto. Se a casa fica próxima ao muro de suporte, às vezes distando dele um metro, o lado oposto ao lado aberto é o mesmo muro de suporte; os outros dois lados são paredes das casas contíguas, mas o espaço, compreendido entre estas três paredes fica sendo uma dependência da casa circular. Veja-se a fotografia VIII. Do lado esquerdo distingue-se uma parede, onde estão recravadas umas argolas de pedra (comp. fot. XVII, n.º 4, e XV, n.º 2), e próxima à mesma parede uma pedra com uma

raimura* . Falta outra pedra igual, que do lado direito encostava à casa circular (comp. fot. IX, que mostra o interior desta casa com bancos). Entre as duas raimuras descia e subia de certo uma porta corrediça e a dependência da casa circular, assim vedada, parece ter sido destinada para a guarda de animais, porque é aí que se encontra a maior das pias (fot. XXII, n.º 3).

Quando a casa circular ficava isolada, tinha à entrada um pequeno corpo acessório, que poderia figurar de átrio.

Aparelho das casas

A fot. VI, n.º 2, e VII mostram os diferentes aparelhos das casas. Excepto o n.º 2 da fot. VI, que vai em fiadas em espiral e somente se encontra em duas casas circulares, o aparelho externo não é privativo de nenhuma forma de casas.

Há-o muito mais grosseiro e rudimentar.

Quanto ao aparelho interior, o das casas circulares é sempre miudíssimo (veja-se a fot. V). As paredes, que em geral têm a espessura de 0,57, compõem-se de duas folhas, sem pedra alguma de travação.

No centro das casas circulares, e em algumas quadradas, encontra-se uma pedra quadrada, como mostra a fot. V (comp. fot. XVII, n.º 2, fig. 1 e 4).

As paredes não acusam sinal algum de cimento. A argamassa era terra; mas pela parte interior das casas, quer circulares, quer quadradas, não é raro descobrir restos da cal que as cobriu.

É excepcional uma casa com pavimento de ladrilho. O pavimento era quase sempre formado de um barro tão recalcado que o alvião o desfaz a custo. Em volta da casa há ordinariamente ladrilho no nível do pavimento interior – observação que, como vai ver-se, não é supérflua.

* Assim no original. (Nota do Organizador).

A porta

Muitas vezes a escavação encontra o pavimento da casa e o ladrilho que a cerca por fora, e põe a descoberto toda a parede circular da casa na altura de um metro; mas esta parede não tem solução de continuidade. Vê-se pois que a porta ficava neste caso acima do nível do solo. Sucede o mesmo em muitas casas quadradas.

Não se pode dizer com certeza como se subia para a porta. Descobriu-se uma única rampa que leva para uma casa; porém aqui o pavimento da casa está acima do nível do largo, onde a rampa começa e, quando a extremidade superior desta atinge o nível do pavimento, não encontra rasgo de porta, mas dois palmos de parede, sobre a qual devia assentar a soleira, de sorte que esta descoberta, em vez de aclarar o enigma, escurece-o ainda mais.

Não faltam porém portas rasgadas até ao chão. Tal é a da casa reconstruída (fot. VI, n.º 1), cuja parte antiga está indicada por um traço negro, e que conservava ainda *in situ* as peças inferiores das duas ombreiras. A sua largura era de 0,99. Outras eram mais largas, chegando a ter 1,31.

Umhas tinham dois batentes (fot. XI, n.º 3), outras um (fot. X, n.º 2, onde é visível a cavidade para receber um ferrolho).

Quanto à sua altura, o nosso guia pode ser a ombreira, representada de frente e de lado na fot. X. Mede apenas 1,57, e algumas outras ombreiras, que aparecem, não excedem muito esta medida.

Desta mesma fotografia infere-se igualmente que algumas ombreiras eram ornamentadas.

As portas giravam em coução (*pivot*).

As pedras (fot. XI; os n.º 1 e 2 mostram o mesmo objecto por diferente lado), a meu ver, são soleiras. O que me leva a esta convicção é o n.º 3 com as suas cavidades quadrangulares. Nelas eram de certo embutidas peças de madeira, com um buraco circular no centro, por onde entrava e girava o coução, livre do atrito da pedra. Ora, se o próprio peso destas peças de madeira bastava para as

conservar no seu lugar, na soleira, bastava também para as deslocar no coução superior, na padieira. Devo advertir que a curvatura da extremidade destas pedras não é acidental. Muitas outras soleiras têm esta mesma forma, sem que por enquanto seja possível dar-lhe uma explicação satisfatória.

Uma única soleira, medindo pouco mais de três palmos é o único indício fazendo presumir que as janelas não eram inteiramente desconhecidas na Citânia.

As pedras (fot. XII, XXV n.º 1, XXVI n.º 1) são, na minha opinião, peças que formavam e ornavam a testa das padieiras. Seriam como brasões por cima da porta. As razões, em que me fundo, não serão extremamente convincentes, mas nem por isso devo omiti-las. A pedra da fot. XXVI n.º 1 apareceu partida, como se vê, no cimo da rampa de que falei atrás, e precisamente no sítio onde devia cair, se ocupasse o alto da porta, quando esta fosse demolida. Todas estas pedras têm largura bastante para sobraçar as ombreiras da porta, e é fácil de ver que a sua posição era atravessada e não ao alto. A fot. XXV n.º 1 diz-nos que esta pedra indicava a casa de Coronero, filho de Camalo, a cujo nome se ligam certas figuras, decididamente simbólicas, caso em que me parece estarem também as figuras, gravadas na fot. XII. Juntando agora a circunstância, já mencionada, de ser usual na Citânia a ornamentação das portas, e reflectindo que em nenhuma outra parte da casa tinha melhor cabimento esta ornamentação de pedras atravessadas do que por cima das portas, a opinião que sigo não parecerá temerária de mais.

As portas não têm orientação certa.

Praças

A fot. V mostra parte duma praça ladrilhada. Aqui as pedras estão colocadas com uma simetria estudada, o que se não nota nas outras. O ladrilho de alguns destes pequenos largos é orlado por uma fiada de

pedras delgadas, metidas de cutelo, que lhe servem de caixilho e o não deixa desconjuntar-se.

Objectos de Pedra achados nas casas

Os mais vulgares são os representados na fot. XVII n.º 1 e 4. Destes últimos aparecem quatro no seu lugar, dois já vistos na fot. VIII. O orifício quase sempre não deixa passar mais que uma corda de grossura ordinária. Algumas destas pedras tinham sua ornamentação, como pode ver-se nos fragmentos, dados na fot. XV n.º 2.

As pedras da fot. XVII n.º 1 estavam também recravadas nas paredes, como demonstra um exemplar que encontrei no seu lugar primitivo. Serviam também de pendurar ou atar nelas algum objecto, que os vergões (n.º 1, figura 2 e 3) ajudavam a segurar.

As pedras do n.º 2, fig. 2 e 3, mais raras, parece-me terem pouco mais ou menos a mesma serventia. Todas elas foram encontradas soltas.

As mós de moinhos de mão são também vulgaríssimas. O diâmetro das maiores é de 0,45 (fot. XXII n.º 1 e 2).

Há-as muito mais pequenas.

As pedras do n.º 3 não se sabe ao certo que destino tinham. Só uma [figura 2] está inteira. A da figura 1 partiu por onde partiram as argolas da fot. XV n.º 2, o que faz supor que só esta parte saía fora da parede, ficando o resto embutido nela. Uma terceira, que não vai fotografada, também partida, mostra três cavidades oblongas e polidas, como se algum artista fizesse ali uso aturado de alguma ocupação, que não é fácil adivinhar.

Cerâmica

A abundância de fragmentos cerâmicos é enorme. Infelizmente só fragmentos.

Fundos e asas de ânforas aparecem em grande quantidade, mas muito maior é ainda a diversidade de forma das vasilhas que os fragmentos denunciam.

A par do barro mal cozido encontra-se a louça vermelha e preta de um polido brilhante; sem faltar o barro semeado de mica amarela ou branca, ou pintado com zonas amareladas, como os vasos etruscos, ou de listas avermelhadas.

Louça vermelha com relevos, figurando animais, ou aves, é rara.

No barro ordinário a ornamentação mais favorita é a dos círculos concêntricos.

São frequentes os tijolos da fot. XXX (n.º 2, 4 últimas figuras) furados numa das suas extremidades. Há-os de vários tamanhos; mas não estão tão inteiros como era para desejar, se do peso proporcional deles se quisesse tirar alguma inferência.

Muito notável é a figura de barro vermelho, em relevo, que apareceu solta (fot. XX n.º 3, tamanho natural).

Marcas

A maior parte das marcas da louça vermelha estão tão apagadas, que se não podem ler. Decifram-se unicamente as seguintes:

CRISPINI.O
OF.SILVI
OF.M..
COMMVNI C.SENTI
.ASN
OF.IVCVN
LVPV

A fot. XXVII dá uma nova espécie de marcas, que de certo não são figulinas. O barro destas vasilhas é grosseiro e a marca aparece

quase sempre no mesmo sítio, e em vasilhas do mesmo feitio. Além das fotografadas, foram recolhidas mais sete, todas com os monogramas ARG CAMAL, devendo às vezes, como um exame atento demonstrará ao observador, ler-se AIRG CAMALI. Pelo que se vê dos n.º 1, 2 e 5, o monograma ARG aparece às vezes isoladamente.

O nome de Camalo (comp. fot. XXV, XXVI) é vulgar na Citânia. O *arg* da Citânia tem alguma coisa com o *arg*, genitivo *airg*, mencionado no dicionário de O'Reilly?

Marcas da espécie destas últimas só encontro uma outra: MAN (fot. XXX, n.º 1); mas no n.º 2, fig. 1, 3, há-as muito mais rudimentares.

No fundo das vasilhas também não é raro aparecerem sinais abertos à ponta no barro já cozido, tais como duas linhas formando um ângulo recto com três pequenos círculos, um no vértice, dois em cada extremidade das rectas; dois círculos, separados por uma linha recta. Outras vezes são também monogramas, um dos quais se pode ler talvez *ant*.

Fusioles

As chamadas *fusioles* encontram-se também vulgarmente (fot. XVIII n.º 4). Muitas porém são tão pequenas, tão leves, dum orifício tão estreito, que se recusam à serventia que lhes assinam alguns arqueólogos de serem pesos de fusos. Algumas, segundo se vê da fig. 3 e 9, são ornamentadas.

As da fot. XXIX parece terem gravados alguns caracteres.

Vidro

O vidro mais raro na Citânia é o branco, o mais comum o verde-mar, e quase todos os fragmentos que aparecem deste último mostram ser de taças, iguais à restaurada na fot. XXI.

Encontram-se também fragmentos de vidro azul carregado com rajos brancos, ou sem eles, amarelo escuro, cor de rosa, e um fragmento de vidro coalhado de pasta roxa com rajos brancos, que devia fazer parte duma taça, igual à já indicada acima.

Também aparecem pequenas contas de vidro azul ferrete.

Objectos de metal

Ferro. Objectos de ferro encontram-se a cada passo, mas de tal sorte oxidados que mal se lhes distingue a forma.

Chumbo. Encontra-se raras vezes em pequenas barras prismáticas.

Prata e cobre. (fot. XXXVII n.º 5). As duas peças extremas são de prata; o resto é de cobre. Este objecto está cheio por dentro de óxido de ferro que estalou e deformou.

Prata, cobre e esmalte. (fot. XXXVII n.º 6, *tamanho natural, como todos os objectos de metal que vão fotografados*). Esta conta é de cobre, esmaltado de verde, as linhas em zig-zag de esmalte preto, os quatro filetes entre o zig-zag cruzado do centro e os dos lados de prata.

Cobre, bronze. Os objectos mais triviais são os alfinetes da fot. XXXVI n.ºs 1, 2, e as fíbulas da fot. XXXV n.ºs 2, 3. Como as fotografias representam os objectos principais, toda a explicação é escusada.

Muitos outros fragmentos que aparecem não deixam adivinhar a sua forma primitiva.

De ouro nada se encontrou. Apenas uma pedra de toque.

Moedas

É notável a raridade das moedas. Se bem que a exploração das ruínas não esteja completa, foi todavia já feita nos lugares mais

importantes e deveria produzir melhor colheita, principalmente de moedas de cobre, que tão vulgares são noutras escavações. Até hoje só foram encontradas 14, incluindo 4 partidas a meio, e 2 forradas.

Decifráveis são as seguintes. Damos a cópia das próprias palavras do ilustre numismático, o sr. Aragão Teixeira, de Lisboa.

«Metade dum bronze de Calagurris Julia, vendo-se distintamente parte da cabeça de Augusto e o monograma MVN(ligado). – Rev. O quarto posterior do boi e por cima em duas linhas II. VIR. C. MAR (ligado). C.

«Metade dum bronze de Celsa, divisando-se também parte do busto de Augusto e as letras ..VSTVS. Rev. O quarto posterior do boi e as iniciais C.V.I.CEL. MAN(ligado) FES.

«Um grande bronze de 31 milímetros de diâmetro de Emerita Augusta, TI. CAESAR AVGVSTVS PONT. MAX. Busto de Tibério à esquerda Rev. AVGVSTA EME RITA, escrito em duas linhas na porta da cidade, sede do *conventus emeritensis*.

«Um bronze de Turiaso, IMP. AVGVSTVS. P.P. Busto laureado do imperador à direita. Rev. M. CAECIL. SEVERO. C. VAL[ligado] AQVILO TVRIASO; no campo dentro duma coroa de louro II VIR

«Mais três medianos bronzes; num percebe-se o busto de Adriano no anverso; no reverso uma figura de pé à direita junto a uma insígnia militar, e na orla ...VGVS.»

De prata apareceu apenas uma com caracteres celtibéricos, que infelizmente se extraviou.

Pedras ornamentadas

Pedra Formosa é o nome que dá o povo ao monumento da fot. XVI. Tem de largo 2,28, de comprimento 2,90, de grossura 0,24. A cavidade triangular que se vê na base do cordão central comunica por um orifício com a cavidade em forma de meia lua, e esta por outro orifício dá saída a qualquer líquido pelo meio do recorte semicircular.

Ignora-se o sítio que esta pedra ocupou primitivamente, porque há mais dum século foi removida do seu lugar. Ignora-se igualmente que posição tinha. O que parece porém certo é que sempre esteve dentro do recinto da terceira muralha, portanto no centro da povoação – o que deve contrariar um pouco a opinião dos que pretendem ver nela uma estela funerária.

Pelo lado de trás a pedra tem o sinal do n.º 3, fot XXXII. Não será impertinente advertir que na Pedra Formosa se encontra, se bem que um pouco apagado, o cordão dobrado da ombreira da fot. X, n.º 1, e a ornamentação da fot. XIII n.º 4.

Todas as pedras das fot. XIII a XV são pequenas e foram encontradas de tal sorte dispersas, que nenhuma indicação se pode tirar do seu uso. Nada há pois que explicar. Somente acrescentaremos que as pedras do n.º 3, fot. XV, achadas na casa da fot. IX, não nos parece serem parte de colunas, mas sim peças completas, tendo tido sempre a posição, em que vão fotografadas.

Escultura

A estátua (fot. XXIII) tem 0,46 de altura. Foi encontrada sem cabeça no entulho que enchia o vão de duas casas circulares. A cabeça apareceu a mais de sessenta passos de distância.

O baixo relevo (fot. XXIV), já mencionado numa obra de Argote, mas que ninguém sabia onde parava, foi achada no meio dum montão de pedras. A altura da primeira figura é de 0,22.

Veremos que na escavação dumas outras ruínas, perto e à vista da Citânia aparecem esculturas de animais. Na Citânia nenhum vestígio de tal. Apenas alguns têm querido ver gravada na pedra numa parede a figura dum quadrúpede (fot. XXX n.º 4).

Inscrições

Fot. XXV n.º 1, XXVI n.º 1 já conhecidas e explicadas.

Fot. XXV n.º 2. Deve ler-se CRON CAMALI; algum traço mais que se figure letra é falha da pedra.

Fot. XXVI n.º 2. Gravada numa lage perto da casa de Coronero.

Fot. XXVIII n.ºs 2 e 3. Gravadas em grandes pedras e tão informes que se lhes não vê qual fosse o assento, parecendo mesmo que nunca entraram em construção alguma.

Fot. XXVIII, n.º 1. Gravada na primeira fiada de pedras duma casa.

Sinais gravados em rochas

Fot. XXX n.º 3; XXXII n.º 1, 2, 4, 5. Os sinais mais vulgares são os círculos concêntricos, tendo de ordinário 0,27 de diâmetro, lisos, ou cortados do centro para a circunferência por uma linha recta, como a figura elipsóide da fot. XXVI n.º 2. Estes círculos não se encontram incisos unicamente em lages. Encontram-se ainda num dos bancos da casa circular da fot. IX, e na pedra da fot. XXXI n.º 1.

Nesta pedra, assentada no centro duma casa e de nível com o pavimento, dá-se a singularidade de ficar a gravura pela face inferior, e portanto completamente enterrada.

Na grande lage (fot. XXXII n.º 1), além dos círculos, há também *coupelles* com o bordo em relevo.

Noutra grande lage há tantos ou mais círculos, como na fotografada; mas, comparada uma com a outra, conclui-se que a disposição destas gravuras é inteiramente arbitrária.

Não há perto delas monumento algum a que possam referir-se.

Se as considerarmos em relação ao sol, poderia dizer-se que até hoje ainda não foram encontrados círculos concêntricos, nem pelo norte, nem pelo poente. Não obstante, como estas figuras aparecem gravadas muitas vezes onde ninguém as espera, dentro e fora de

muros, e a multidão de penedos e lages no monte de S. Romão é verdadeiramente prodigiosa, especialmente do lado do poente, entre a primeira e segunda muralha, é possível que mais tarde nova descoberta venha invalidar o resultado que hoje quisesse tirar-se observação ainda incompleta.

As linhas rectas que partem do centro dos círculos também não têm orientação fixa.

Gamelas

Fot. XXXI n.º 2. Gamela aberta num rochedo. Há-as mais pequenas. Uma é em forma oval.

Fot. XXXIII. A cavidade circular deste pequeno monumento, aberto num penedo, volta para nascente.

«Penedo da Moura»

Fot. XXXIV. Dólmen? "Penedo da Moura" é a denominação popular deste megálito.

Fica a meia costa, entre a primeira e segunda ordem de muralhas, voltado a sudeste, e não longe duma calçada. Só pode ser fotografado dum único sítio, e esse, por ser na ladeira, tão incómodo, que o monumento é apanhado de escorço, debaixo para cima, ficando um pouco desfigurado.

As explicações seguintes não são pois desnecessárias.

Os dois suportes da frente são penedos *in situ*, cortados grosseiramente por dentro para alargar a furna, que tem 2 metros de largo, e 1,70 de fundo. A mesa tem de largo 4,60, de comprido 3,50, de grosso 1,24. É irregularmente quadrada; pela face superior rudemente plana, com uma pequena gamela quadrada, quase ao centro. Pela face inferior é perfeitamente plana, se bem que para isso não contribuisse a mão do homem. O que porém a natureza de certo não fez foi assentá-la tão perfeitamente nivelada sobre os dois

suportes da frente e quatro outros, inteiramente brutos e mal unidos do lado posterior. Como este lado fica contra a encosta, e a furna não tem mais de 1,50 de altura, a parte de trás do megálito com os seus suportes posteriores está invadida e calçada com terra do monte, que foi trazida casualmente pelo enxurro, ou intencionalmente pelos construtores da furna. A parte interior do tecto está cheia de largas cavidades, algumas de quase um metro de profundidade, devidas a causas naturais, mas que não vazam para a face superior.

A exploração do solo da furna não produziu nada.

É ocasião de advertir que têm sido baldados todos os esforços para encontrar na Citânia e seus arredores, uma necrópole, ou coisa equivalente.

Não se pode também afirmar com certeza que não haja no monte de S. Romão outros monumentos megalíticos. Estão eles porém de tal sorte arruinados, que se entendeu ser melhor não os mencionar aqui.

Sabroso. Santa Iria

Os montes de Sabroso e de Santa Iria destacam-se também da cordilheira da Falperra para a ribeira do Ave, ficando o primeiro a sudoeste, o segundo a nordeste da Citânia, a um quilómetro de distância e à vista dela.

Em ambos há vestígios de construções antigas; mas em Santa Iria, que é, como Sabroso, uma muito pequena fortaleza, a cultura destruiu quase tudo que podia interessar à arqueologia. Apenas se salvou a cabeça de mulher da fot. II A.

Sabroso está muito mais bem conservado. Algumas escavações, feitas aqui, têm mostrado que o carácter das suas ruínas é semelhante às da Citânia, mas com diferenças ainda assim notáveis.

Em Sabroso, por exemplo, não se encontram fragmentos de ânforas, nem de telha, nem de barro vermelho fino, nem de vidro; – a ornamentação da louça é quase toda diferente da da Citânia; – a

muralha (tinha uma só) era como um muro de suporte ao planalto, em que ficava a povoação, em talude. Media 5,10 de altura.

De resto as mesmas casas circulares, de um tipo talvez mais arcaico, os mesmos círculos concêntricos gravados nas lages.

São de Sabroso todos os objectos, representados nas fot. I A a III A, menos a cabeça de mulher, que já dissemos ser de Santa Iria.

O pequeno machado da fot. I A (tamanho natural) é de pedra esverdeada [xisto aluminífero]. Na Citânia não apareceu achado algum desta natureza.

Fot. II A n.º 1, 3. O n.º 3 mostra a parte posterior de uma cabeça de porco (n.º 11), que de certo encaixava num corpo. Do corpo nunca ninguém deu notícias.

O n.º 4 é parte de uma outra cabeça de porco, não sendo possível achar-se o resto.

Na Citânia, como já dissemos, não se encontra escultura de animais. Sob este ponto de vista há ainda uma diferença entre a Citânia e Sabroso. E, a este propósito, seja-nos lícito chamar a atenção para a fot. XV, n.º 1, que parece filiar-se nas representações do «Sinal da cruz antes do Cristianismo», comentadas por M. Mortillet.